

A GUERRA VISTA POR GENTE QUE ESCREVE

Donaldo Schüller

Neste texto para a Revista Carbone, Donaldo Schüller seleciona trechos escritos por ele que estão nos respectivos livros que traduziu para o português: “Odisséia” de Homero, Porto Alegre: L&PM, 2011; “Os sete contra Tebas” de Ésquilo, Porto Alegre: L&PM, 2003; e “Finnegans Wake” de James Joyce, Ateliê Editorial, São Paulo: 1999 – 2003; São trechos que traçam ideias de guerra através desses autores com os quais Donaldo Schüller tem a intimidade da tradução. A partir deste recorte acerca da guerra, podemos percorrer algumas noções com as quais tais autores trabalharam em suas obras, em épocas diversas, partindo do olhar minucioso e poético de Donaldo Schüller.

Odisseia – Homero – O banho de Odisseu

A água não remove apenas as impurezas do corpo. Odisseu deixa simbolicamente na banheira infrações de vinte anos. Sai da água um novo Odisseu, que é o mesmo, o que há duas décadas partiu para a guerra. A água, que não permitiu a emergência dos corpos dos que saborearam a carne dos bois de Hélio, deixa o navegador vitorioso no vestíbulo de nova etapa. O banho do herói corresponde à limpeza do palácio. Os cadáveres dos pretendentes mortos foram todos removidos. Em lugar da baderna de todos os dias, o silêncio da sala tratada com enxofre envolve o casal.

Os sete contra Tebas – Ésquilo

A guerra, que volta a nos atormentar, é o núcleo de Os Sete contra Tebas. Ésquilo conheceu Atenas como imbatível potência marítima. A imagética náutica não admira. Tebas é um barco sacudido pelas águas em noite

tempestuosa. O exército comandado por Polinice lembra o ataque persa à cidade de Atenas. Os espectadores confrontam-se com os seus próprios conflitos. Eles sabem que o orgulho do guerreiro pode precipitá-lo na ruína. O homem é um enigma não decifrado. Nada garante que seja confiável a máscara que para nós mesmos construímos. Figuras prometeicas roubam, além do fogo, a glória dos deuses. O esplendor desmedido destrói. Sacrifica o que é no altar do que não é. O conhecimento de si vale mais que o hábil manejo das armas.

Finnegans Wake (princípio) – James Joyce

Tristão, violeiro e violador (violante), violando Isolda, rompeu os compromissos de fidelidade com o rei, tio, amigo, bem-feitor, senhor. Em peninsolate (penisoldada) ressoa peninsular, isto é, as batalhas travadas por ingleses e irlandeses na península ibérica sob o comando do fálico Wellington contra as femininas forças francesas. Peninsolate lembra ainda as penas do guerreiro que pensa em amor e guerra. A guerra interior, a erótica, isolada, solitária, humaniza-o. Além de brandir a espada, ele maneja o instrumento da paixão amorosa. Em peninsolate, soa o nome de Isolda. Guerra penetrante de quem usa a pena, o pênis e a espada. Guerra de palavras, de línguas, de culturas, de níveis... Guerra de quem veio tão tarde (I so late) ou muito cedo. Guerra que perpassa todos os que passam. Guerra que pende no fluir. Guerra de vida e morte. Guerra de um guerreiro apaixonado, guerra da paixão. Sem paixão não se travam guerras. Sem guerra, não se ama; não, em Finnegans Wake. O amor aproxima e separa, une e opõe. O isolamento ou o isoldamento de Tristão é insuperável. Para quem sofre de amor não há repouso. A união não se consolida.

Em resposta à trovoada no terceiro parágrafo, o coaxar das rãs no quarto. A luta de wills contra wonts, de oystrygods (ostragodos) contra fishygods (piscigodos) lembra as guerras fratricidas das origens e de todos os tempos: Caim e Abel, Esaú e Jacó, Shem e Shaun. Povos irmãos (ostrogodos e visigodos) se guerreavam no território do Império Romano e o dilaceravam. Roma despedaçou-se na queda como Humpty Dumpty. Os combates de antanho evocam épicos refregas de deuses (gods) e de gigantes. Deuses em conflito continuam nas guerras religiosas contemporâneas. Refletem-se na luta dos povos irmãos, conflitos ainda mais antigos, época em que comedores de ostras agrediam comedores de peixes. Alterando o nome de povos irmãos e rivais (Ostrogoths e Visigoths), Joyce concentra na mesma frase refregas de outros lugares e de outros tempos.

Finnegans Wake, p. 254 – 259

E El YaHWeHrra (El+YHWH+era+guerra). Era impregna guerra, como wahr, al. (verdade) impregna war. And he war (Und er war + And he was). A verdade não está além d'El. El não reveste a verdade. El era a verdade, El não é a verdade. O presente sugere o que não se move. Como, entretanto, imaginar guerra sem ação? A guerra é ação por sua própria natureza. A guerra não foi, a guerra era, sem excluir a que se trava agora. No momento em que pensamos nela, ela era. A exclusão não é dela, é nossa, quando paramos. And he war... Podemos esquecer o proverbial Wo es war... freudiano, derivado de Nietzsche?

Guerra de quem? De Shaun contra Shem, de Shem contra Shaun. Não são filhos? Filhos que não saem d' El. A guerra se trava sempre n' El. Como nele se trava a guerra entre duas línguas, o inglês e o alemão ou

hebraico e o português; ou, entre o substantivo war e a forma verbal was, ou, entre o substantivo war e o adjetivo wahr. A tradução agrava a guerra. HCE está a caminho em guerra. Sem guerra, como se movimentariam n' El o manifesto e o oculto, o abismo e a visibilidade? Estão n' El. Guerreiam n' El. Vivem n' El como o verso e o anverso em Babel e Lebab, como morte e vida.

DONALDO SCHÜLLER é doutor em Letras e livre-docente pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul e pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. É professor emérito da UFRGS. Hoje oferece cursos, profere palestras e conferências em várias instituições. Foi consultor acadêmico e membro da equipe curatorial de Fronteiras do Pensamento até 2013. Além de tradutor de diversas obras importantes, Donaldo Schüller também escreveu obras de não-ficção, ficção, poesia e literatura infanto-juvenil, tendo ganhado diversos importantes prêmios em seu percurso.

Artigo publicado na Revista Carbono #6
[Guerra – outono 2014]

<http://revistacarbono.com/edicoes/06/>

Todos os direitos reservados.